

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

PAISAGEM, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: O RIO IAPÓ COMO SÍMBOLO CULTURAL CASTRENSE

Rossana Meiko Manaka (rossanamanaka@gmail.com)

Ana Claudia Carneiro De Avila (ana.claudia.0048@gmail.com)

Qual é a relação e o significado de um rio e do meio urbano para os indivíduos que o experienciam? Como os espaços naturais e construídos moldam não apenas a cidade, mas também a percepção, a memória e a identidade de seus habitantes? O presente trabalho propõe investigar o Rio Iapó, elemento estruturador do núcleo originário da cidade de Castro, no Paraná, a partir de uma abordagem fenomenológica do lugar, compreendendo-o enquanto paisagem cultural vivida e significada. A pesquisa parte do pressuposto de que a experiência sensível do espaço — sua percepção, sua corporeidade e seu simbolismo — constitui dimensões centrais para a compreensão de como o lugar é apropriado, habitado e ressignificado pelos indivíduos ao longo do tempo. Nesse sentido, o Rio Iapó não é apenas um elemento físico do território,

mas um componente estruturante da experiência urbana, memória coletiva e identidade local.

A análise fundamenta-se em correntes teóricas que articulam paisagem e experiência humana, incluindo os trabalhos de Berque (1998), Collot (2013) e Norberg-Schulz (1980), que destacam a relação indissociável entre sujeito e ambiente vivido. Berque contribui ao evidenciar a inseparabilidade entre sociedade e natureza na construção do espaço cultural; Collot aprofunda a dimensão simbólica e subjetiva da paisagem; e Norberg-Schulz introduz o conceito de ‘genius loci’, ou espírito do lugar, enfatizando o papel do ambiente na formação da experiência existencial. Além do embasamento teórico, o estudo se apoia em pesquisas qualitativas, com base nas percepções sensíveis e nas narrativas orais dos moradores de Castro, que expressam modos particulares de habitar, experienciar e atribuir significado ao Rio Iapó.

Embora os autores adotem perspectivas distintas, todos convergem ao propor uma leitura da paisagem que transcende a fragmentação entre sujeito e objeto, evidenciando a paisagem como lugar vivido, impregnado de sentidos existenciais, culturais e espirituais. Sob essa ótica, o Rio Iapó constitui-se como um espaço de contínua apropriação social, onde as práticas cotidianas, a memória coletiva e o imaginário popular se articulam, conferindo ao lugar múltiplas dimensões de significado.

A partir desse arcabouço teórico-metodológico, o estudo elenca aspectos considerados fundamentais para a compreensão do Rio Iapó como lugar vivido e continuamente ressignificado no espaço urbano, bem como objeto de identidade cultural castrense. Destacam-se, nesse sentido, a constituição da paisagem a partir do denominado “rio que alaga” e suas influências nos primeiros traçados urbanos do núcleo originário; a religiosidade e o imaginário popular associados ao rio; e as práticas contemporâneas de lazer, turismo e bem-estar dos que usufruem do lugar. Ao reconhecer essas dimensões como expressões da experiência sensível, da memória coletiva e do pertencimento, espera-se contribuir para intervenções urbanísticas e culturais mais humanizadas, capazes de valorizar múltiplas narrativas e sentidos sobre um espaço que simboliza o início da povoação local e a identidade coletiva dos castrenses.

Palavras-chave: rio Iapó; paisagem cultural; fenomenologia do lugar.